

TINTA DA CHINA

COMER BEBER

FILIPPE MELO
JUAN CAVIA

TINTA DA CHINA

PREFÁCIO CARLOS VAZ MARQUES

Tenho de começar por uma confissão: de cada vez que dou por mim num lugar estranho, sinto-me o espermatozóide negro de Woody Allen. Ou melhor, para desfazer de imediato eventuais mal-entendidos: não me refiro evidentemente a um espermatozóide do próprio realizador, mas ao famoso espermatozóide de um filme dele; aquele, já velhinho, do princípio dos anos 70 do século passado, que em Portugal se chamou *O ABC do Amor* mas cujo título original é bem mais sugestivo (e quase um trava-línguas): *Everything You Always Wanted to Know about Sex* but Were Afraid to Ask*.

A cena é conhecida: acompanhamos, no centro de controlo cerebral de um homem prestes a ejacular, os preparativos para o orgasmo. O comando das operações é de um rigor militar: os espermatozoides alinham-se, como um batalhão de pára-quedistas, impecavelmente vestidos de branco, à espera da ordem que há-de lançá-los no desconhecido. É nesse momento, entre a excitação e o receio de que em vez de irem ao encontro de um óvulo venham a ser projectados contra a parede de látex de um preservativo, que surge – rodeado de centenas de espermatozoides imaculadamente brancos – o espermatozóide negro, perdido, angustiado, interrogando-se sem que ninguém lhe dê ouvidos: «Mas que faço eu aqui? Que faço eu aqui?»

A analogia seminal descreve o estado de espírito com que me entrego à tarefa

de escrever estas linhas. Não o esgota, no entanto. À mistura com o facto de me sentir em território comanche, eu, que nunca fui grande leitor de BD, sinto-me simultaneamente entusiasmado por aqui estar e por ficar associado ao nascimento deste livro.

As duas histórias deste álbum nasceram de um convite que fiz ao Filipe Melo, no meu papel de director da revista *Granta*. Sendo uma revista literária, primordialmente vocacionada para a palavra, há na *Granta* uma atenção especial à imagem, quer nas ilustrações originais que acompanham os textos, quer no ensaio fotográfico encomendado para cada edição. O aspecto mais interessante de um trabalho como o que faço na *Granta* é o de poder provocar gente talentosa, tentando proporcionar-lhe aquela pequena dose extra de entusiasmo de que todo o criador necessita para fazer obra. Com o Filipe Melo, que não necessitaria do meu entusiasmo para nada, uma vez que o tem para dar e vender, a coisa aconteceu assim:

Na altura da preparação do número 9 da *Granta*, dedicado ao tema Comer e Beber, li a novela gráfica *Os Vampiros*, ainda a cheirar a tinta fresca, acabada de chegar da gráfica. Impressionado pelo fôlego narrativo de Filipe Melo e Juan Cavia, ocorreu-me de repente que queria ter uma coisa assim na *Granta*. Até os nossos actos mais generosos nascem, por vezes, do mais puro egoísmo. O Filipe disse-me

imediatamente que sim, falou com o Juan, que também aceitou a ideia, e fiquei à espera.

No episódio seguinte – depois de dez partidas de xadrez *online* vencidas consecutivamente por ele, sem apelo nem agravo ou qualquer consideração pelo seu futuro editor – comunicou-me que não teria apenas uma, mas duas histórias para a *Granta*. Resisti um pouco à ideia, não só para poder usar as minhas prerrogativas de director mas porque me apercebi, de repente, de que as dimensões da colaboração da dupla Melo/Cavia, em páginas a cores, fariam disparar os custos de produção da revista.

A persistência do Filipe Melo viria, no entanto, a levar a melhor. Não foi preciso muito, aliás. Bastou-lhe mandar-me os guiões e os primeiros esboços de Cavia. Ficou definido que a colaboração de ambos na *Granta* dedicada aos temas Comer e Beber apareceria em dois andamentos: no primeiro, a imaginação cinéfila de Filipe Melo transporta-nos para um cenário de filme americano de série B; no segundo, recuamos ao período negro da Segunda Guerra Mundial.

Pela primeira vez, Filipe Melo e Juan Cavia pegaram num caso real para o transformar num comovente conto visual. A história do bisavô de Nádia Schilling, uma grande amiga de Filipe, narradas pela sua mãe num diário pessoal. «A minha avó contava-me que, no dia em que a Alemanha ocupou a Polónia, o avô foi buscar a

melhor garrafa de champanhe que tinha no seu restaurante e correu a escondê-la, num recanto que só ele sabia. Ninguém era capaz de imaginar, nessa altura, que algo pudesse correr mal.»

Tudo correu mal, como sabemos. Mas como já nos foi contado das mais diversas formas, mesmo a mais trágica situação pode esconder episódios redentores. É para isso, não só mas também para isso, que servem as histórias, venham elas na forma de romances ou filmes, de peças de teatro ou pranchas de banda desenhada: para nos permitirem partilhar a réstia de humanidade soterrada mesmo nos cenários mais desesperados.

Infelizmente/Felizmente (riscar o que não interessa), Juan Cavia e Filipe Melo não puderam completar as duas histórias a tempo de serem publicadas na *Granta*. O artesanato minucioso de cada desenho é incompatível com a pressa de um editor obrigado a cumprir os prazos da gráfica, os prazos de distribuição e os prazos do respeito pelos assinantes da revista.

Infelizmente, na *Granta* 9 só pudemos publicar a história de Comer. Felizmente, ficou inédita a história de Beber. Este livro chega-nos agora com a refeição completa, servida por dois cozinheiros exímios na arte de alimentarem a nossa fome de histórias.

CAPÍTULO 1

MAJOWSKI

BASEADO NUMA HISTÓRIA REAL
NARRADA POR BEATRICE SCHILLING

ARGUMENTO

Filipe Melo
Nádia Schilling

DESENHO

Juan Cavia

ASSISTENTE DE DESENHO

Juan Cruz Rodriguez

COR

Juan Cavia
Sandro Pacucci

LEGENDAGEM

Pedro Serpa

KATOWICE, JANEIRO DE 1917





CAPÍTULO 2

Sleepwalk

ARGUMENTO

Filipe Melo

ARTE

Juan Cavia

LEGENDAGEM

Pedro Serpa



...E VAMOS SEGUIR COM O CLÁSSICO *CRYING*, DE ROY ORBISON. ESTÃO A OUVIR A *KAWC*, 88.9 FM, YUMA COUNTY, ARIZONA, COM MARK REYNOLDS.



YUMA COUNTY, ARIZONA, 1984



EXTRAS



1. Cena cortada



Majowski

2. Logótipo original
do restaurante



3. Texto original de
Beatrice Schilling

«A minha avó contava-me que, no dia em que a Alemanha ocupou a Polónia, o avô foi buscar a melhor garrafa de champanhe que tinha no seu restaurante e correu a escondê-la, num recanto que só ele sabia. Ninguém era capaz de imaginar, nessa altura, que algo pudesse correr mal. O restaurante Wygodzki estava sempre cheio, e todas as noites era preciso carregar os oficiais das SA bêbados e levá-los discretamente para as suas casas. O avô começou a praguejar nessa altura, baixinho e em polaco, e a beber rios de vodka e schnapps, sem nunca se embriagar ao ponto de perder a graça e a compostura. Dizia para a minha avó: "Estes cretinos vão dar com os burros na água, não tarda.»

Uma noite, o mais elegante e melhor frequentado restaurante de Kurfurstendamm foi arrasado pelos bombardeamentos americanos, assim como todos os bairros à sua volta. Quando saíram do refúgio, era já madrugada, e os avós tiveram dificuldade em encontrar o caminho para casa. Depois de muito procurarem, encontraram uma cratera negra e um monte de detritos, que reconheceram como sendo os restos do que tinham construído durante vinte e cinco anos. Franz começou a esgravatar freneticamente. Depois de muito tempo, pareceu encontrar o que procurava, e foi essa a imagem que ficou na memória de todos os que viram a cena: o avô Franciszek, com ar de puto, a pisar indiferente o que sobrava do que tinha sido o melhor local de Berlim daquele tempo, com a sola do seu sapato de Budapeste, feito à medida, e com a garrafa de champanhe debaixo do braço.»

Beatrice Schilling

